

FOLGUEDOS NATALINOS

QUILOMBO

THEO BRANDAO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Museu Théo Brandão

REITOR: Prof. Manoel Machado Ramalho de Azevedo

VICE-REITOR: Prof. João Azevedo

PRÓ-REITORES:

Prof. José Medeiros (Assuntos Estudantis e Comunitários).

Prof. José Damasceno Lima (Assuntos Acadêmicos)

Prof. Audálio Cândido dos Santos (Assuntos de Planejamento)

CHEFE DE GABINETE: Prof. Elias Passos Tenório

DIRETOR DO MUSEU THÉO BRANDÃO: Prof. Fernando Lôbo.

Coleção Folclórica da UFAL

Museu Théo Brandão, de Antropologia e Folclore

Convênio: UFAL/CBDF

APRESENTAÇÃO

Uma apresentação para os trabalhos de Théo Brandão não deveria ser elaborado por um mero admirador de sua obra. Exige conhecimentos. Exige o sangue dos que dançam com o corpo e a alma sob os ritmos populares. Exige aquele embalo da viola chorona, do verso improvisado inteligentemente, das cores dos seus mateus, dos seus palhaços, das suas pastorinhas, dos seus... personagens que abastecem o quadro folclórico de Alagoas.

Não tenho a garganta para as cantigas de abrição, de louvação ao dono da casa. Ignorado nos "entremeios", no máximo enveredo pela gulodice "dos pés de moleque, nos cuscus, de massa puba e de milho molhados com leite de coco, nas cocadas de coco verde, nos amendoins torrados, nos roletes de cana, nos pacotinhos de farinha de milho", (1)

Mas, atocaiado, o jeito que há é obedecer.

"Te ajoelha Guerrêro,
Vai cumprir a tua sina,
Botemo joelho em terra
Vamo rezá o Divino". (2)

Pois, sendo "papa-sururu", nunca afastado das margens lamacentas da Mundaú, não deixei de ser o índio que embora cansado, abatido, "mas ainda duelando, ora de joelhos, ora deitado, aos emboléus, espada na mão", (3)

"Eu fui preso nesta aldeia
Numa grande disciplina
Numa roda de navaia
Vou cumprir a minha sina". (4)

Théo Brandão é um patrimônio desta terra. Sua dedicação à cultura alagoana fá-lo imorredouro (se a ingratidão não incluiu entre tantos levados pela memória de Augusto Vaz Filho).

Daí, toda uma preocupação que possui a Universidade Federal de Alagoas em tomar a iniciativa de implantar o seu Museu

de Antropologia e Folclore, como uma contribuição efetiva e permanente ao desenvolvimento sócio-cultural de Alagoas. Não mais uma instituição como tantas outras que morreram de inanição, marcando sua passagem entre nós, apenas, com o fogueirão do nascedouro.

E o Museu, diferentemente dos que muitos possam entender, um órgão dinâmico. Não se constitui num mero depósito de material. Há um papel importante a desempenhar para o desenvolvimento de estudos, pesquisas sem se esquecer, evidentemente, da extensão, junto à comunidade.

Não se há de entendê-lo com simples promotor de exposições, nem se resumir num estimulante no alarido esfuziante dos folgedos que promove, porém compreendê-lo como instrumento pragmático, inclusive. Capaz de servir adequadamente para o "estudo do homem e de suas obras".

Já os antropólogos antigos "estavam imbuídos da convicção de que o conhecimento das culturas humanas daria vantagens práticas aos homens - na redução da crueldade, miséria e ignorância". (5)

Várias iniciativas já foram tomadas para instalação de um Museu nesta área. Inclusive projeto foi apresentado na Câmara dos Deputados. (6)

Acredito, profundamente, na importância do Museu Théo Brandão e no seu relevante papel.

Orgulha-me (desculpe-me a imodéstia) ter sido um dos responsáveis pela sua implantação. Fi-lo por dois grandes motivos. Primeiro, não se pode deixar morrer esse grande potencial folclórico alagoano, riquíssimo. Segundo, uma admiração profunda por este grande homem e cientista Théo Brandão. Se me é permitido um conselho, faço carecendo aos intelectuais alagoanos, aos homens públicos e à comunidade que sejam capazes de compreender a valiosa contribuição que esse Museu Théo Brandão poderá prestar ao engrandecimento de Alagoas. (7)

Maceió, janeiro de 1976.

JOÃO AZEVEDO

O QUILOMBO

O Quilombo, ou dança dos Quilombos, tem sido considerado como um auto característico das Alagoas e como sobrevivência do acontecimento histórico dos Quilombos dos Palmares, que a partir dos meados do século XVII se estabeleceram em terras da Comarca das Alagoas, então pertencente à Capitania de Pernambuco, mais particularmente na Serra da Barriga, no local onde hoje se situa a cidade de União dos Palmares.

A investigação dos últimos anos, todavia, tende a considerar o auto como uma adaptação local ou "re-interpretação", de origem branca e erudita, de autos similares do Brasil e do estrangeiro, como Congadas, Cucumbis, Mouriscadas, Caboclinhos, etc., nos quais se degladiam dois partidos: ora mouros e cristãos, ora negros, ora brancos e índios, etc. A verdade é que os brincantes, conquanto nomeiem o seu brinquedo de Quilombo, de nenhum modo o ligam ao acontecimento histórico da Troia Negra. De mais, na ribeira do São Francisco, o folgado tem o nome de Cacumbi e em Sergipe é conhecido sob o nome de "Lambe-sujo", sem qualquer ligação com o sucesso dos Palmares.

Pode ser representado em qualquer época do ano por ocasião de festividades religiosas: festas de padroeiras, festas do Natal, etc., mas igualmente como simples entretenimento isolado.

Suas instalações constam de barraca ou rancho de palha de coqueiro ou palmeira, enfeitada de bandeiras, cercada pelo jardim ou sítio; bananeiras, mamoeiros ou outras árvores da região, transplantadas para o local. As vezes se constrói, a certa distância, uma paliçada onde se escondem os índios.

Os negros vestem-se de calças curtas de mescla azul e camisetas brancas, sem manga, chapéus de palha de ouricuri (cocos

1. BRANDÃO, Théo - O GUERREIRO. DEC.

— Avulsos do Folclore de Alagoas
Maceió, 1964 - p.87

2. Idem, p. 16

3. Idem, p. 30

4. Idem, Idem, p. 30

5. BELLO, Perli J. — INICIAÇÃO AO ESTUDO DA ANTROPOLOGIA

— Tradução Waltenstr Dutra. 2ª ed. Zahar

Ed. Rio. 1971 — p. 30

6. AZEVEDO, João. — Síntese. Gazeta de Alagoas, 13.11.1964.

7. AZEVEDO, João. — Síntese. Jornal de Alagoas, 30.11.1975.

coronata). Pintam o rosto e o corpo de fuligem e empunham foices de madeira como armas de guerra. Os índios vestem tanga, cocares, braceletes, perneiras de pena ou capim, pintam-se de ocres e carregam arcos e flechas. Os Reis dos negros e dos caboclos usam trajes reais semelhantes aos dos outros folguedos natalinos (Reisados, Guerreiros, etc.): calções, manto, blusa de setim de côr, meias compridas, guarda-peito de espelhos, corôa de ouropel, aljófar e areia brilhantes. Como armas, carregam os Reis espadas da antiga Guarda Nacional. A Rainha, menina de 10 anos, usa vestido branco, comprido, guarda-peito de espelhos, capa de setim enfeitada de espiguiilha e diadema de papelão pintado. Há ainda como personagens importantes: a Catirina (homem vestido de escrava negra, carregando um boneco nos braços); o Papai Velho, de barbas e cabeleira brancas, com caixa-de-foice nas mãos; o Espia dos Caboclos, num traje mais rico e vistoso de índio; e o Vigia dos Negros, com chapéu de palha enfeitado de espelinhos e uma espingarda a tiracolo. O acompanhamento é feito com a orquestrinha típica denominada em Maciô de *Esquenta-Mulher* e no interior conhecida por este nome e pelos de *Zabumba*, *Terno*, ou *Terno-de-orêia*, ou *Bande de Pifes* (caixa, bombo, pifanos e pratos. (**))

O auto ou dança realiza-se em três etapas ou partes; mas e a última — a Luta e a prisão dos negros, desenvolvida à tarde que constitui a parte espetacular do auto. Isto porque as duas primeiras — o Roubo e o Batuque, realizadas na noite da véspera, e o Resgate, na manhã do dia da festa, são privativas dos brincantes ou apresentam menos que apreciar.

O Roubo é chamado da "liberdade" porque os negros têm a devida licença para o saque (confronte-se a tradição com a usança registrada por L. Câmara Cascudo — A noite do Furto Tradicional), permitido e fiscalizado pelas autoridades policiais da localidade. Carregam, então, de comum acordo com os próprios donos, para seu rancho de palha, os mais variados objetos que conservam em seu poder até o dia seguinte, quando serão resgatados.

** A denominação de "Esquenta-Mulher" para a bandinha de pifanos foi dada pelo saudoso Major Bonifácio de Bebedouro, devendo-se presumivelmente ao fato de agitar, de animar a bandinha, com suas marchas, tangos e chotes, o elenco feminino que participava ou assistia às festas de que era elemento indispensável.

Após o saque, os negros levam o resto da noite a batucar, ao som do "Esquema Mulher" cantando sobretudo as coplas tradicionais:

*"Folga negro,
Branco não vem cá;
Si viê,
Pau ; de levá.*

*Tiririca,
Faca é de cortá;
Folga parente,
Caboco não é gente.*

Já madrugada é que comem a *panelada* (cozido de carne de boi, com osso de tutano, verduras, etc., servido com pirão escaldado ou coberto, de farinha de mandioca) que levou toda a noite a cozinhar no rancho e adjacências.

O *Resgate*, pela manhã, consiste na devolução dos objetos roubados pelos negros, aos próprios donos, mediante pequena esportula.

Uma vez terminado o resgate, o rei dos Negros vai buscar a Rainha ao som do "Esquenta-Mulher". E entre danças e flores é conduzida ao trono (cadeira colocada no fundo do Rancho dos negros), a cuja frente continuam as danças dos negros até hora do almoço, quando o grupo se dispersa. À tarde, voltam os negros, após haverem visitado (seguidos aliás pelos caboclos que repetem as manobras) a capela ou igreja mais próxima onde se prosternam e fazem evoluções.

Em seguida, dirigem-se os negros para o *Sítio* e os índios para sua paliçada.

Inicia-se, então, o episódio das Lutas e do Roubo da Rainha. Ao tempo em que, no rancho dos negros, recomeça o batuque, agora somente dançado, sem cantos, ao som do "Esquenta-Mulher", os caboclos começam sua marcha em busca dos negros, ora avançando, ora recuando, escondendo-se nas moitas do mato e na folhagem do "sítio", cheirando e escutando o chão, marchando na ponta dos pés, dançando o *Toré* que a orquestra de pifanos ataca alternadamente com o "Folga Negro".

Avisados por seu vigia, saem os negros de sua palhoça, em grande alarido, para enfrentar o inimigo. Trava-se, uma série de combates simulados, quase um ballado mimico, em que os reis negro e índio esgrimam espadas e os demais imitam a luta com seus arcos e flechas, suas foices de madeira, volteando, saltando, correndo, recuando, sempre ao ritmo das duas musiquetas.

Depois de vários embates, os caboclos são repellidos e debandam. Mas não desistem do intento de subjugar os negros. Mandam o Espia de Índio colocar em frente do rancho uma garrafa de jurema que é descoberta pelos negros e que por eles bebida, os faz cair adormecidos.

Aproveitam-se os caboclos da oportunidade e capturam a Rainha que é levada ao seu abrigo ou paliçada.

Despertando no rancho, os negros dão pela falta de sua Rainha e saem novamente a combater os caboclos que reaparecem em frente ao *Sítio*. Nesse meio tempo o Papai Velho e a Catirina, burlando a vigilância dos caboclos, conseguem reaver a Rainha que volta ao seu trono, no mocambo dos negros. Ao regressar do combate, sabe o rei dos índios que a Rainha branca foi recapturada. Volta imediatamente ao combate, cada vez mais encarniçado. E já quando vai caindo a tarde, os ataques do rei dos Caboclos se fazem mais insistentes e perigosos, ao passo que mais rápido se torna o andamento das músicas do *Folga Negro* e do *Dá-lhe Toré*. Como um leão acusado, o rei dos Negros defende-se valentemente até que um golpe no peito esquerdo o fere de morte. O rei dos Caboclos *enguixa-o*, isto é, passa-lhe por cima do corpo e os negros refugiam-se no reduto, enquanto a Rainha sai a tirar esmola para o enterro do defunto marido.

Nesse interim, porém, o rei dos Caboclos ressuscita o rei dos Negros, fazendo-o cheirar uma folha de jurema (o de qual quer outro mato em seu lugar) e logo reiniciam-se os combates que agora serão breves e terminam pela prisão do rei dos Negros. Espoucam foguetes, fogem e debandam os negros, a menina cobre de vaías os vencidos e os caboclos vitoriosos aprisionam e marram os negros que são vendidos aos assistentes. Igualmente é presa a Rainha, que é geralmente vendida ou resgatada por um dos maiores, presentes à festa.

E entre choros, súplicas, gaiatices e gatimônias dos cativos, especialmente do Papai Velho e da Catirina, termina o auto ou melhor o ballado dos Quilombos.